

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO**

**BRUNA DE LACERDA AQUINO**

**Jornalista não é humorista**

Artigo acadêmico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012.

**Orientação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra de Deus

**PORTO ALEGRE  
2012**

## Jornalista não é humorista<sup>1</sup>

Bruna de Lacerda Aquino<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo se destina a analisar o novo tratamento dado ao jornalismo esportivo, retratado no texto como padrão Globo de jornalismo esportivo. O telejornal Globo Esporte, especificamente por meio do quadro Bola Fora do programa em questão produzido no Rio Grande do Sul, foi o objeto de estudo. O quadro do telejornal esportivo serve de instrumento para a percepção do uso do entretenimento no jornalismo esportivo atual, que, muitas vezes, deixa a informação de lado e explora apenas o lado divertido dos fatos ligados ao esporte. Nesse contexto, o entretenimento passa a ser um valor-notícia de caráter indispensável.

**Palavras-chave:** Jornalismo esportivo; entretenimento; Globo Esporte; Bola Fora; valor-notícia.

### **Introdução**

O jornalismo esportivo, desde sua criação, sempre foi compreendido pelos estudiosos como uma editoria jornalística considerada de menor valor. “Antigamente, os jornalistas que faziam a cobertura dos esportes eram os iniciantes na carreira ou aqueles que não dominavam outros assuntos,” conforme Ketlin Brito narrou de forma clara. Caso o indivíduo se destacasse ao escrever sobre esporte, era recompensado com uma vaga em uma editoria “de verdade”. Quando o jornalismo esportivo passou a fazer parte das páginas dos jornais, os profissionais

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito para obtenção do título de especialista em Jornalismo Esportivo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, orientado pela Profa. Dra. Sandra de Deus.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. E-mail: brunalaquino@gmail.com

que trabalhavam em setores como política ou economia viam a nova editoria como algo não muito sério. O jornalismo esportivo era, simplesmente, marginalizado. Hoje, a visão mudou. Jornalistas voltados ao esporte inspiram estudantes e “focas”. Mas voltemos a um passado não muito distante.

A maneira de abordar o esporte sempre foi diversa das demais formas de se fazer jornalismo pelo simples motivo de se tratarem de temas diferentes, mas nem por isso a editoria esportiva deixa de ser jornalismo. Preconceito por parte de profissionais de outras áreas existe há muito tempo e, certamente, sempre existirá. Creio que está na essência do jornalismo tal comportamento. Mas, enfim, voltemos à linguagem.

No impresso, a forma como o repórter ou colunista retrata os fatos esportivos já diverge das outras páginas. O esporte tem espaço garantido somente no final do jornal, justamente por ser diferente do resto e fazer o leitor relaxar. Porém, é na televisão que percebemos o quanto essa diferença fica evidente. Como exemplo, é possível citar um telejornal diário. Ele sempre inicia sua edição relatando notícias trágicas ou difíceis para o público. Em seguida, passa a informar sobre assuntos ainda sérios, mas menos impactantes.

Onde entra o esporte nisso? No final do programa, assim como entra no final do impresso. O esporte é o responsável pela digestão do público. O telespectador, exemplificando o caso da TV, acabou de ingerir produtos pesados, precisa de algo leve. É aí que a pauta esportiva se apresenta – fica a cargo dela essa leveza, para que o espectador termine de assistir ao telejornal em paz, tranquilo. Conforme Sousa (2005): “Neste contexto, a notícia esportiva se enquadra como mais um fator de fuga e entretenimento em meio ao abundante fluxo informativo que caracteriza as sociedades atuais.”

Aqui chegamos ao cerne deste artigo: entretenimento no jornalismo. Cassiano Gobbet (2012) expressa claramente o atual momento do jornalismo esportivo televisivo: “A vocação de entretenimento que a crônica esportiva sempre teve passou a ser a sua essência.” Como disse o autor, o entretenimento passou a ser essência na cobertura esportiva. O curioso é que uma editoria que lutou contra o preconceito de ser considerada uma área “menor” do jornalismo, tida como “não-séria”, como já foi abordado anteriormente neste texto, mexa justamente com um lado tão delicado quanto a questão de entreter.

Alcoba (1999) demonstra de forma clara essa essência ao dizer que “se buscan noticias donde no las hay, y para mantener la atención del público se inventan polémicas inexistentes aprovechando cualquier declaración fuera de tono o por medio de encuestas sin ningún tipo de fiabilidad”.

Barbeiro e Rangel (2006) já preveram a relação entre os dois: “Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos”. Como objeto para exemplificar essa relação, usaremos o programa Globo Esporte local<sup>3</sup>. O programa Globo Esporte local, por meio de um quadro denominado Bola Fora, retrata com precisão o novo padrão de jornalismo esportivo da Rede Globo.

Este atual padrão adotado pela Globo mescla entretenimento e informação.

Para estar na televisão, a notícia esportiva sofre transformações. A “informação” se confunde com “entretenimento”. A TV Globo aposta nesta receita. É a única emissora aberta do país que não possui um programa do tipo “mesa-redonda”, cujo modelo jornalístico-opinativo privilegia o resultado das partidas, que acompanha o jornalismo esportivo desde suas primeiras manifestações, privilegia os bastidores, as celebridades, os ídolos, que possuem identificação. O modelo atual, adotado pelo Globo Esporte com o público, os diferentes ângulos de um mesmo lance, as edições sofisticadas, que produzem efeitos sobre a audiência. É bastante razoável entender que o ídolo com o qual o público tenha identificação seja “notícia” (GORITO E HELAL, 2007, p. 7).

Em uma entrevista concedida em 2011, Léo Batista, ícone do jornalismo esportivo – e, aqui, leia-se jornalismo esportivo “concreto” –, disse acreditar que há excessos na atual cobertura esportiva. “uma coisa que eu exponho abertamente é que, embora o esporte seja alegria, tem havido muito humorismo, muita piada, muita brincadeira”.

### **De Mario Filho a Tiago Leifert e o formato do novo jornalismo esportivo**

Mario Rodrigues Filho é considerado o pai do jornalismo esportivo moderno. Foi um dos jornalistas que demonstrou maior preocupação em remodelar o padrão jornalístico de se fazer cobertura esportiva. A inovação remete ao ano de 1931, quando Mario Filho foi convidado pelo jovem diretor do jornal O Globo, Roberto

---

<sup>3</sup> Produzido no Rio Grande do Sul. O programa é cópia do formato instituído Por Tiago Leifert na versão nacional do telejornal esportivo.

Marinho, para comandar a editoria de esportes. Cinco anos mais tarde, tornou-se proprietário do Jornal dos Sports<sup>4</sup>.

Qual é a relação entre Mario Filho e Tiago Leifert? Ambos inovaram na formatação do jornalismo esportivo. Mario Filho era detentor do capital simbólico de ousar no estilo de se cobrir o esporte. A linguagem e a estrutura dos jornais, por exemplo, foram os alvos escolhido pelo jornalista para inovar na maneira de mostrar ao leitor crônicas esportivas.

Já Tiago Leifert, com sua “voz da consciência” – diretor falando ao ponto do apresentador – parece ter descoberto uma maneira de atrair (ou voltar a atrair) o público ao programa – tese que será explicada adiante. Atempo-nos ao Tiago. De acordo com Cosme Rímoli (2012), o jovem apresentador, formado em jornalismo e psicologia pela Universidade de Miami, tinha a ideia de que esse novo público não queria a informação esportiva direta, simples. Brincadeiras e provocações deveriam constar nas reportagens. “Um irmão mais velho no ar, brincando, sacaneando convidados, jogadores.”

Aparentemente matéria alguma escapa ao tratamento leve, divertido, espetacular ou sensacionalista. (...) A linguagem, aliada à muitos recursos visuais, beira o humor. O relato da notícia, a informação em si, é praticamente deixada em segundo plano. Claro que o esporte pede uma narrativa mais leve, solta, mas sem exageros. (BEZERRA, 2008, p.109)

Aqui encontramos um exemplo da mudança no tratamento das informações esportivas por parte da Rede Globo - isso se adequa perfeitamente ao estilo de Tiago Leifert e outros apresentadores da emissora conduzirem o esporte. Bezerra exemplifica o antigo padrão e o novo formato.

Em 2009, o próprio Leifert definiu como estava o programa antes da mudança. “O jornalismo no Globo Esporte estava muito pesado, eu brinco que a gente estava numa rave usando smoking. Hoje eu acho que é muito mais entretenimento do que informação”. Partiu do moço a reformulação na linha editorial esportiva da emissora. De acordo com Paulo Vinícius Coelho (2006), o jornalismo esportivo na televisão peca justamente no fato do show ser mais importante do que a informação, principalmente na Globo.

---

<sup>4</sup> Diário de notícias esportivas fundado no Rio de Janeiro em 13 de março de 1931, famoso por suas páginas cor-de-rosa. A última edição foi às bancas em abril de 2010. Mario Filho foi proprietário entre 1936 e 1966.

## Globo Esporte RS

O Globo Esporte totalmente regional (Rio Grande do Sul) foi ao ar em maio de 2011. Antes, o primeiro bloco do programa era feito de notícias do estado e, os demais, comandados pela praça do Rio de Janeiro. Após a data mencionada, os três blocos passaram a exibir matérias regionais. Nos conteúdos apresentados ao telespectador, entram, algumas vezes, reportagens das praças do Rio e São Paulo, mas apenas quando o assunto refere-se à seleção brasileira ou quando algo relacionado a esporte, que tenha ocorrido fora do estado, repercute a nível nacional.

O Globo esporte produzido no Rio Grande do Sul gerou apaixonados e avessos ao seu formato, que inclui reportagens puramente jornalísticas e matérias “engraçadas” em uma determinada parte do programa. Sobre esta parte, um telespectador fez um comentário acerca do conteúdo do telejornal local em uma rede social, desaprovando tal postura ao debater o “novo padrão Globo” de trabalhar com esporte, mais especificamente com futebol.

E isso refletiu diretamente no Globoesporte local aqui do RS, Paulo Brito e seu: " - E aí, tudo belezinha?", é muito forçado! Fora que nunca mais vi informação, passam o tempo todo querendo fazer graça, e o pior é que não conseguem nem um pouco...<sup>5</sup>

Tiago Leifert chegou a afirmar que o tratamento dado à informação no Globo Esporte antes da reformulação do programa – vale lembrar que foi proposta por ele – estava muito engessado. Porém, a citação acima reflete que nem todas as pessoas que assistiam ao telejornal esportivo da Globo até a drástica mudança concordam com o atual editor-chefe.

Lembro-me com clareza dos dias que antecederam a chegada do Globo Esporte produzido totalmente no Estado. Público e até mesmo profissionais da imprensa esportiva aguardavam com ansiedade para saber que modificações seriam realizadas. Como o tempo de programa seria maior em função de não depender da parte nacional, discutia-se que mais modalidades poderiam ser exploradas. Não foi o que aconteceu. O futebol seguiu como preferência de pauta e a grande novidade se

---

<sup>5</sup> Comentário retirado de uma comunidade intitulada Off – novo jornalismo esportivo da Globo em uma rede social no dia 9 de julho de 2011.

resumia à exacerbação do entretenimento. As mudanças que poderiam gerar boas discussões sobre jornalismo esportivo acabaram sendo apenas objeto de frustração e crítica por parte dos dois segmentos.

## **Bola Fora**

O Globo Esporte RS apresenta aos seus espectadores um quadro tipicamente pertencente à família do entretenimento no jornalismo esportivo: Bola Fora. O nome diz tudo. Ele corresponde à “parte engraçada” do programa. Nele, dois repórteres entrevistam jogadores e torcedores a respeito de temas polêmicos ou simplesmente irrelevantes relacionados ao mundo do futebol, especificamente ao meio da dupla Gre-Nal.

Na edição do dia 3 de abril de 2012, temos um exemplo do viés dado ao quadro. O repórter Duda Garbi esteve no lançamento do uniforme do Grêmio para esta temporada, que aconteceu na noite anterior, no Estádio Olímpico. Não cabia a ele cobrir de maneira jornalística a festa do novo fardamento gremista, pois outros repórteres da RBS foram ao evento para tal missão. Logo, uma reportagem engraçada seria sua função. O repórter aproveitou a presença dos participantes do Big Brother Brasil 12 Jonas e Monique – ambos gremistas – para uma brincadeira: fazer perguntas sobre o Grêmio a fim de constatar qual dos dois era mais torcedor.

A princípio, essa era a matéria que o Bola Fora exibiria naquele 3 de abril. Porém, no final do quadro, o telespectador pode ver que o repórter foi além do quiz gremista. Alice Bastos Neves, apresentadora do programa no Estado, foi quem “puxou” o assunto, ao comentar a seguinte frase: “E aquela pergunta que muita gente queria fazer?” Eis que Duda “respondeu” à Alice. Ele perguntou a Monique quem ela julgava ser mais bonito: Jonas, (com quem ela teve um romance durante o BBB 12) ou Doulgas (ex-meio campista do tricolor gaúcho, de quem a sister afirmou, durante o reality show, ter sido amante). A moça respondeu, através da comparação de algumas características físicas dos dois homens questionados, que eram belezas diferentes. O repórter ainda terminou a entrevista falando que sabia quem a modelo preferia.

Foi revelado a esta autora, por meio de um colega de profissão – que manteve a identidade da fonte em sigilo por se tratar de uma informação fornecida

em *off*, que o programa incluiu essa parte “descontraída” em função da perda de audiência do último bloco para o seriado Chaves, transmitido pelo SBT. Na tentativa de resgatar o público, aderiu-se ao formato entretido.

Conforme Rímoli (2012) escreveu em um artigo, o “problema” com o seriado mexicano envolvia toda a rede, e não apenas a parte do nosso Estado.

Chiquinha, Kiko, Seu Madruga...Dona Florinda, Professor Girafales...A turma do Chaves...Seriado mexicano infantil gravado em 1973. Esse era o grande inimigo do Globo Esporte. A pedra no sapato. Os executivos da emissora carioca ficavam humilhados. As repetições ad infinitum do seriado batiam fácil no noticiário esportivo. Não encontravam solução. Até que surgiu Tiago Leifert. O jornalista e psicólogo tinha um plano, experiência e a certeza de que seria ouvido. O plano era acabar com a “caretece” do Globo Esporte. As pesquisas apontavam que o público juvenil domina a televisão aberta na hora do almoço. (RÍMOLI, 2012)

Este seria o motivo da existência do Bola Fora. Como já foi dito anteriormente, Globo Esporte vai ao ar em um horário que mistura faixas etárias, predominando crianças e adolescentes, pois ou estão chegando da aula ou se preparando para ir à escola. Por isso, brincadeiras precisavam fazer parte do contexto. “Para concorrer com Chaves, descontração como prioridade e pitadas de jornalismo esportivo.” (RÍMOLI, 2012)

### **Entretenimento como valor-notícia**

O entretenimento enquanto valor-notícia obedece as regras do jornalismo em geral: a seleção da notícia – nesse caso, o conteúdo esportivo – passa por critérios de noticiabilidade antes do fato ser publicado.

Rangel (2009) afirma que, atualmente, a informação não significa somente o relato dos fatos, e se apresenta “como um produto híbrido que se associa ora à publicidade, ora ao entretenimento, ora ao consumo; mas muitas vezes deixando de cumprir sua missão primordial de informar.” Ainda de acordo com a autora, “o entretenimento é uma tendência da sociedade capitalista contemporânea e conseqüentemente do fazer jornalismo esportivo eletrônico.”

O entretenimento passa a ser um valor-notícia ao se tratar de jornalismo esportivo quando o profissional que está onde está faz de sua função outra. No lugar de informar, entrete, diverte, e pensa que está fazendo um ótimo trabalho.



Atualmente, esporte e entretenimento têm se confundido em alguns telejornais que trabalham o esporte.

Enquanto critério de noticiabilidade, o entretenimento no jornalismo esportivo pode ser caracterizado como um fator excludente, pois prioriza brincadeiras no lugar da informação. Inúmeros acontecimentos esportivos poderiam virar notícia. Porém, essa “exclusão” que o entretenimento provoca impede tal ação e permite que reportagens como a citada acima, no caso do quadro Bola Fora, sejam colocadas no ar.

Vilas Boas (2005, p.24) descreveu, há sete anos, o que vemos hoje na televisão. Segundo o autor, “na era do entretenimento acima de todas as coisas, o jornalismo esportivo como um todo virou entretenimento esportivo”.

Na visão de Paulo Vinicius Coelho<sup>6</sup>, o esporte é, hoje, “a grande indústria do entretenimento”. Como se trata da questão do atual padrão de jornalismo esportivo empregado no Globo Esporte local – uma “filial” do nacional, uma passagem do texto de Oselame (2010) ilustra exatamente o perigo do formato. Ela diz que “ao dar uma nova roupagem aos fatos do dia-a-dia (...), há o risco de se cruzar a tênue linha que separa o que é informação jornalística e o que é ‘perfumaria’”.

A “perfumaria” a que se refere a autora citada acima corresponde ao tipo de brincadeira referida na edição do dia 3 de abril do Bola Fora. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006, p.37), “o jornalista esportivo não tem o direito de avançar sobre a intimidade de quem quer que seja.” Foi exatamente o que fizeram na matéria exibida nesse dia.

“A atividade antitédio ocupa o centro da produção mediática. Mais ainda, a diversão ou entretenimento penetra como dimensão desejada das atividades sérias” (LOVISOLO, 2011). Para Gabler (1999, apud SOUSA, 2005), “o público já não se satisfaz mais com o esporte e sim com estórias sobre esportes”. Segundo Sousa (2005), a valorização da aproximação entre jornalismo e entretenimento em um mesmo produto seria “um aspecto característico do novo paradigma editorial presente no noticiário esportivo no meio audiovisual”.

Uma característica da notícia esportiva é a sua leveza. Como notícia branda, que dá conta de um aspecto lúdico presente na sociedade, é inerente a si a potencialidade de apresentar humor e espetáculo e de ser selecionada por causa do entretenimento que pode oferecer. Selecionar

---

<sup>6</sup> Jornalista esportivo, em entrevista ao Portal Imprensa.

uma notícia pelo humor, espetáculo ou entretenimento que oferece é selecioná-la por critérios que de tão interligados soam como um só. De alguma forma, o telejornal esportivo se constitui como um momento de diversão em meio à informação, justamente por causa das características da notícia com que trabalha. (SOUSA, 2005)

No atual padrão de jornalismo esportivo de televisão, o entretenimento passou a ser o valor-notícia mais importante. Tiago Leifert, tão citado neste artigo, chegou a afirmar, em 2009, que “o jornalismo esportivo é uma coisa sem vida, sem emoção, sem paixão” (Leifert apud Rangel, 2009) e, por isso, o entretenimento teria se transformado na principal bandeira do Globo Esporte, que, na visão de Tiago, não é um programa de jornalismo esportivo e que a informação é apenas uma consequência desse entretenimento.

O entretenimento no jornalismo pode, ainda, transformar um programa que se destina a ser esportivo em outra função. Conforme Messa (2005), o jornalismo esportivo diário significa, na realidade, “um jornalismo de variedades, amenidades, cujo o tema não é o esporte em si”. Se voltarmos ao assunto “Bola Fora”, vemos que o esporte realmente não é o foco. Ele só reflete o ambiente que proporciona a exploração do entretenimento por parte de quem produz o quadro do Globo Esporte local.

## **Conclusão**

Penso que os editores-chefes de programas televisivos esportivos que seguem esta linha editorial de brincadeiras deveriam refletir a respeito de tal postura. O cansaço vai bater à porta do público que hoje assiste e aplaude o formato. “O caminho que escolheu Tiago Leifert está cansando. A audiência mostra isso.” Rímoli (2012) tem toda a razão. A audiência do Globo Esporte – tanto local quanto nacional – já não é a mesma de quando o padrão que visava ao entretenimento surgiu no programa, tanto que o Bola Fora – citando a praça gaúcha do telejornal esportivo – tem ido ao ar com menos frequência.

O jornalismo esportivo “puro e simples”, transmitido ao espectador de forma clara e objetiva, jamais deixará de ser interessante. A propósito, não é por ser engraçado que algo se torna interessante. O tom leve do esporte deve, sim, ser

preservado na hora de se publicar uma informação do meio. Porém, a leveza não significa transformar um jogo de futebol em um circo, por exemplo. Deve-se levar em conta que o jornalista esportivo, antes de trabalhar em tal segmento, é simplesmente um jornalista. “Jornalismo é jornalismo: seja ele esportivo, político, econômico, social” (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 13.)

Por isso a defesa de que jornalista não é humorista. A função do jornalista não mudou; ela continua sendo a de informar os fatos com objetividade e qualidade ao público, e não de transformar um programa esportivo em um circo, por exemplo.

O tema dessa breve análise consistiu em um telejornal esportivo, mas a citação de Alcoba (1999) cabe perfeitamente neste contexto para descrever o que deve ser oferecido ao espectador: “A primeira coisa que um jornal deve oferecer é conteúdo, boas informações, reportagens, em uma palavra: JORNALISMO”.

O quadro Bola fora da edição do dia 3 de abril do Globo Esporte local deixa evidente a inexistência de relação com jornalismo esportivo. Entreter está longe de ser sinônimo de informar. Certamente, o público pensou em assistir ao programa naquele dia para ficar informado a respeito do novo uniforme do Grêmio, de como foi o evento de lançamento do mesmo, qualquer assunto relacionado a este tema, não para saber quem a ex-BBB Monique acha mais bonito entre os dois affairs dos quais o público tem conhecimento. A exposição do ex-jogador gremista ficou clara, gritante, e essa postura não condiz com a função do jornalismo esportivo.

No momento em que o tédio falar mais alto, o telespectador simplesmente voltará ao Chaves ou buscará outra alternativa para se divertir. Não terá piada que segure.

## REFERÊNCIAS

GORITO, Andreia. HELAL, Ronaldo. Jornalismo esportivo e audiência feminina: o discurso do Globo Esporte. Intercom, 2007.

ARAUJO, Marco Antonio. Eôô, vida de gado essa do jornalismo esportivo. O Provocador. Site r7 esportes. Artigo publicado em 16/02/2012.

BRITO, Ketlin. Uma questão de estilo. Canal da imprensa, 07/12/2011

COELHO, Paulo Vinícius. Portal Imprensa, 03/10/2011

CAPRARO, André Mendes. Mario Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional. Revista Movimento: Porto Alegre, v. 17, n. 02, abril 2011

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. Manual do Jornalismo Esportivo. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. *Corpus et Scientia*, ano 7, vol. 7, n. 2, 2011.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. 2005.

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo esportivo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira. O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

RÍMOLI, Cosme. Tiago Leifert...O homem que revolucionou o jornalismo esportivo na televisão brasileira? Ou o menino mimado, filho de um diretor da Globo? E que não pode ser contrariado?. Texto retirado do blog do autor, 2012.

ALCOBA, Antonio Lopez. La prensa deportiva. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1999.

RANGEL, Patrícia. Globo Esporte São Paulo: Ousadia e Experimentalismo na Produção da Informação-Entretenimento. Intercom, 2009.

MESSA, Fábio de Carvalho. Jornalismo esportivo não é só entretenimento. 8º Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2005.

OSELAME, Mariana. Padrão Globo de Jornalismo Esportivo. Sessões do Imaginário. PUCRS: Porto Alegre, 2010.

GOBBET, Cassiano. O jornalismo esportivo está em xeque. Blog 90 minutos. Artigo publicado em maio de 2012.